

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

Maria de Lourdes Estigarribia de Oliveira

**A MEMÓRIA DO BAIRRO FLORÊNCIO AQUINO GUIMARÃES COMO RECURSO
PARA PRODUÇÃO CULTURAL**

São Borja
2015

Maria de Lourdes Estigarribia de Oliveira

**A MEMÓRIA DO BAIRRO FLORÊNCIO AQUINO GUIMARÃES COMO RECURSO
PARA PRODUÇÃO CULTURAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Relações Públicas– Ênfase em Produção Cultural da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Relações Públicas.

Orientador: Dr^a. Marcela Guimarães e Silva

**São Borja
2015**

Maria de Lourdes Estigarribia de Oliveira

**A MEMÓRIA DO BAIRRO FLORÊNCIO AQUINO GUIMARÃES COMO RECURSO
PARA PRODUÇÃO CULTURAL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Relações
Públicas com Ênfase em Produção
Cultural, da Universidade Federal do
Pampa, como requisito parcial para
obtenção do Título de Bacharel em
Relações públicas

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 7 de dezembro de 2015.

Banca examinadora:

Prof. Dra. Marcela Guimarães Martins
Orientador
UNIPAMPA

Prof. Dr. Cristovão Domingos de Almeida
(UNIPAMPA)

Prof. Dr. Joel Felipe Guindani.
(UNIPAMPA)

São Borja

2015

AGRADECIMENTO

A Deus, primeiramente, por ter me dado saúde, coragem e força para superar as dificuldades.

À Universidade Federal do Pampa, como Instituição, incluindo seu corpo docente, sua direção e administração, cujo trabalho em conjunto oportunizou que se abrisse, em minha vida uma janela, de onde, hoje, vislumbro um horizonte maior.

À minha orientadora, Dra. Marcela Guimarães e Silva, pela paciência, correções e palavras de incentivo.

A meus pais, pelo amor, pelo exemplo de vida e pelo apoio incondicional.

Um agradecimento muito especial à minha companheira de jornada, minha irmã, colega e acima de tudo amiga, Magda Estigarribia de Oliveira, pelas incansáveis orientações, pelo incentivo constante e pelo companheirismo – meu carinho e um “muito obrigada” por tudo.

E a todos os que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, meus agradecimentos.

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem por objetivo fazer um resgate de memórias da Comunidade Florêncio Aquino Guimarães, localizada na cidade de São Borja, no Estado do Rio Grande do Sul, através de um estudo de pesquisa, a partir da voz dos entrevistados e da análise documental. Essa pesquisa Foi desenvolvida a partir de conceitos como memória, comunidade e produção cultural, os quais auxiliaram na compreensão dos resultados obtidos na pesquisa de campo. O método utilizado na pesquisa é o quantitativo, tendo como metodologia o estudo bibliográfico, o estudo de caso e a história oral. Como resultado, foi constatado que através do resgate de memórias e a partir dele é possível entender a história de uma comunidade. A história da comunidade pode se tornar importante ferramenta para a produção cultural e para promover o desenvolvimento do bairro a partir dela.

Palavras-Chave: São Borja, RS, Manifestações Culturais; Cultura Local.

ABSTRACT

This of course work Conclusion aims to make memories rescue the Community Florencio Aquino Guimaraes, located in San Borja , in the state of Rio Grande do Sul, through a research study , from the voice of respondents and documentary analysis . This research was developed from concepts such as memory, community and cultural production, which helped in understanding the results obtained in field research. The method used in this research is quantitative , with the methodology the bibliographical study , case study and oral history . As a result, it was found that through the memories and redemption from it is possible to understand the history of a community. The community's history can become an important tool for cultural production and to promote the development of the neighborhood from it.

Keywords: San Borja, RS, Cultural Events ; Local culture.

Lista de Figuras

Figura 1- Cemitério Jardim da Paz	24
Figura 2- Túmulo do Anjinho.....	25
Figura 3-- Estádio Vicente Goulart “Vicentão” em 1977.....	26
Figura 4- Estádio Vicente Goulart “Vicentão” em dias atuais.....	27
Figura 5- Algumas Casas da época do bairro Florêncio A. Guimarães	28
Figura 6- Associação de Moradores Florêncio Aquino Guimarães	29
Figura 7- Ajudantes da Pastoral da Criança	30
Figura 8- Festa do Dia da criança, iniciativa da Pastoral da Criança	30
Figura 9- Ensaio do Coral.....	31
Figura 10- Ensaio do coral para o Natal	32
Figura 11- Creche Luiz Antonio Rigo.	33
Figura 12- Bloco idealizador do Carnaval de Rua Tamarino.....	34

Sumário

1 INTRODUÇÃO.....	1
2 MEMÓRIA E SUAS MANIFESTAÇÕES.....	7
3 MEMÓRIA E COMUNIDADE	10
4 CULTURA E SUAS MANIFESTAÇÕES.....	13
4.1 Produção Cultural	14
4.2 Memória como recurso para Produção Cultural.....	17
4.3 Produção Cultural Local.....	18
5 METODOLOGIA.....	20
5.1 Pesquisa Bibliográfica.....	20
5.2 Pesquisa Documental.....	20
5.3 Estudo de Caso.....	21
6 ESTUDO DO BAIRRO FLORÊNCIO AQUINO GUIMARÃES.....	22
6.1 História, passado e presente: Florêncio Aquino Guimarães.....	22
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERENCIAS.....	37
ANEXOS.....	38

1 INTRODUÇÃO

O interesse em resgatar a memória do Bairro Florêncio Aquino Guimarães, São Borja/RS, e suas manifestações culturais surgiu no Componente Complementar Curricular do Curso de Relações Públicas- Ênfase em Produção Cultural da Universidade Federal do Pampa- Unipampa, intitulado Memória Institucional, inicialmente, pela necessidade de compreender o porquê da troca de nome do bairro e qual o sentido que esta troca representou para a comunidade local. Na sequência, essa curiosidade levou à percepção de que o bairro contava com uma riqueza cultural muito importante, mas desconhecida, e, portanto, não estava sendo valorizada.

O bairro Florêncio Aquino Guimarães fica situado, na cidade de São Borja, Estado do Rio Grande do Sul, contando com uma população, segundo IBGE (2010), de 2.391 habitantes, fazendo limite ao norte com o Bairro Boa Vista, ao sul com o Bairro Paraboi, ao leste com o Bairro do Centro e ao oeste faz limite com - Santa Luzia. No bairro em estudo, encontra-se o Estádio Vicente Goulart, conhecido popularmente como “Vicentão”, com capacidade para oito mil pessoas e já serviu de sede para a Sociedade Esportiva São Borja e outros distintos times de futebol da cidade como o Internacional e o Cruzeiro e para a equipe oriunda da fusão desses dois clubes, em 1977. Atualmente, em sua sede é disputado o Campeonato Gaúcho de Futebol e Futebol Amador, apesar de suas instalações estarem prejudicadas pelas falta de manutenção.

Situa-se ainda, no bairro, o Cemitério Jardim da Paz, onde estão depositados os restos mortais de ilustríssimos políticos que fizeram parte da história do Brasil, como os do ex- presidente da República, João Goulart e os do ex- governador Leonel Brizola e, ainda, foi o local que abrigou por muitos anos os restos mortais do ex-presidente Getúlio Vargas, uma importante e ilustre figura no cenário político da história do Brasil.

No bairro Florêncio Aquino Guimarães existe uma diversidade de manifestações culturais, as quais são pouco conhecidas pela população são-borjense, entre elas, estão eventos, associações, escolas, contos populares e pontos turísticos da cidade.

Pode-se destacar, no contexto cultural do bairro, a Associação dos Músicos de São Borja onde são realizados bailes com os conjuntos musicais que integram a associação. Ainda no bairro, acontecem noites de Carnaval, as quais proporcionam diversão e sociabilização entre os participantes. Durante o carnaval são realizadas três noites de encontro na Rua Tamarindo, na qual se reúnem vários foliões de diversas comunidades do município de São Borja, promovendo a integração entre a comunidade no intuito de pular carnaval.

O bairro é palco de várias lendas e contos populares que circulam na história do mesmo, dentre as quais destaca-se a Lenda do Túmulo do Anjinho. Esse monumento é considerado como um dos pontos turísticos da cidade de São Borja. O Anjinho é conhecido como guardião de um grande mistério que ronda sua morte e seu sepultamento no cemitério Jardim da Paz.

Sobre a Lenda do Túmulo do Anjinho, o pouco que se sabe até os dias de hoje é que o túmulo abriga os restos mortais de um recém-nascido, sepultado às escondidas, e sem que estivesse identificado. No túmulo, somente consta o ano de 1922, sem dia, e nem mês. A sepultura não tem dono, nem tem cruz, apenas a imagem de um anjinho esculpido em gesso, com características da arte Barroca. Os populares contam que o túmulo apareceu repentinamente, da noite para o dia, e sem registro algum, dando origem, assim, a outra versão para o caso.

A mais tradicional é a de que a criança ali enterrada pertencia a uma família conhecida, socialmente influente em São Borja. Era uma gravidez indesejada, e o avô paterno da criança, assim que ela nasceu, teria matado o neto, pois não era fruto de um relacionamento convencional. O avô já teria o túmulo pronto e aguardou até que a criança nascesse para sacrificá-la e enterrá-la no meio da noite, sem que ninguém percebesse. Por esse motivo faltam o nome e a data completa do ocorrido. Destaca-se ainda, naquele bairro, a Associação de Moradores, que serve de espaço para encontros religiosos e festivos da comunidade Santa Rita de Cássia. A Igreja Católica também contribuiu com os moradores do bairro para a construção desse local, realizando missas e reuniões na última quarta de cada mês.

Atualmente, no bairro, há vários estabelecimentos comerciais ali funcionando, os quais caracterizam o cotidiano da comunidade. Nesse território existem quatro minimercados, quatro armazéns, uma pizzaria expressa, uma serralheria, duas Igrejas Evangélicas, dois brechós, três funerárias e a sede da Subestação da Aesul.

Localiza-se ali, também, a Escola de Educação Infantil Luiz Antônio Rigo, assim denominada para homenagear o filho falecido do proprietário da mesma. Atualmente a escola pertence à Prefeitura Municipal de São Borja, estando sob sua administração.

Na disciplina de Projeto Experimental, foi produzido um trabalho voltado à área educacional, cujas atividades foram realizadas no bairro. Realizaram-se oficinas com as crianças do bairro pondo em prática o Projeto Brincando e Aprendendo. O convívio com as mesmas trouxe atenção sobre as histórias do bairro bem como o envolvimento dos moradores com tudo o que o caracteriza e a curiosidade em buscar entender o porquê de essa cultura não ser valorizada. Tendo em vista que se deve preservar a cultura local, pois tratam-se de importantes ferramentas, servindo de base para formação do cidadão que ali vive.

Gonçalves (2014, p.13) enfatiza que, segundo Hall “[...] é importante conhecermos a história local a partir de quem fala, pois o sujeito sempre se manifesta a partir de um posicionamento histórico e cultural”.

Dessa forma, o resgate da memória, através da história oral, torna-se um importante registro dos costumes, tradições e demonstrar aos indivíduos que pertencem à comunidade, como se deu a construção da cultura local, os fatos que marcaram sua história e as transformações ocorridas ao longo dos anos. O termo cultura tem seu significado muito amplo, mas está intimamente ligada a hábitos de vida. Segundo Gonçalves (2014, p.15) “[...], a cultura rege-se através de hábitos e costumes que são compartilhados por um determinado grupo. É isso que, ao mesmo tempo, os identifica e os diferencia”.

Para ser entendida a história atual, essa pesquisa, através do resgate de memória da trajetória do bairro e suas manifestações culturais, procura demonstrar à sociedade a riqueza já esquecida da comunidade Florêncio Aquino Guimarães e suas diversidades, buscando entendê-las e valorizá-las, pois, segundo Reisewitz (2004, p. 81) “[...] ,onde há ser humano há cultura. Onde quer que o ser humano toque, o que quer que faça, está a modificar a realidade e a si próprio, e assim que interfere no mundo natural ou dele participa, está a criar um mundo cultural.

Diante disso, o problema da pesquisa fica evidenciado pela pergunta:

Quais as manifestações culturais que existem na comunidade a partir do resgate da memória?

A importância de fazer o resgate de memória é que pouco há documentado sobre a história do bairro e suas manifestações culturais. Tendo em vista que o tema de resgate de memória é de suma importância e tem valor inestimável para a história da cidade. Contatou-se que há poucos estudos na área, assim para seguir adiante fez-se necessário entender alguns conceitos de resgate de memória:

“uma vez que entendemos por tradições as coisas ditas no passado transitado até nós por uma cadeia de interpretações, é preciso acrescentar um a dialética material dos conteúdos á dialética material dos conteúdos á dialética formal da distancia temporal; o passado nos interroga e questiona antes que o interroguemos e o questionemos. (Ricoeur 1997, p.381)

A partir da compreensão do autor, esta investigação se propõe, não apenas a realizar um resgate de memória oral do passado do bairro, mas também à análise do presente. Entende-se que, dessa forma, o resgate de memória do bairro é uma forma de identificar as manifestações culturais da comunidade do passado e do presente, visualizando, a partir dessas o potencial para produção cultural no bairro, ampliando o espaço para a atuação dos profissionais de Relação Pública com Ênfase em produção cultural, que se formam na Unipampa.

Levando em consideração que a memória serve para renovar oportunidades de construir novas histórias a partir da análise do cotidiano dos indivíduos da comunidade, observando seus valores e costumes para, assim, criar sua identidade. O cérebro dos seres humanos, para a comunidade científica, é uma incógnita, sabe-se muito pouco sobre seu funcionamento nos dias atuais. A memória é uma das funções que este exerce, segundo Janssen (2005, p.3) frisa: “A memória é a primeira e mais fundamental experiências do tempo”.

A partir do pensamento do autor, justifica-se a realização dessa pesquisa, com o emprego da história oral, pois os depoimentos e os relatos pessoais buscam valorizar o tempo e o desenvolvimento da história da comunidade, oportunizando que fatos esquecidos sejam retomados. Delgado (2006) enfatiza que, segundo nora (1993, p.13), “[.], os lugares de memórias são meios de acesso a uma memória que

não é memória, mas histórias, pois foi reconstituída por meio de vestígios, uma memória reivindicada e não espontânea”.

Diante do argumento do autor, esse trabalho não só faz um resgate de memória oral do passado, mas também a análise do presente. O resgate de memória do bairro é uma forma de divulgar e valorizar a cultura local, seus costumes e tradições. Levando em consideração que memória serve para renovar oportunidades de construir novas histórias a partir da análise do cotidiano dos indivíduos da comunidade, observando seus valores e costumes para, assim, criar sua identidade. .

Os depoimentos e os relatos pessoais buscam valorizar o tempo e o crescimento da história do passado. Outra questão é o tempo, que estava marginalizado na história da comunidade.

Para Thompson (1992):

A história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos (THOMPSON, 1992.p. 17).

Ainda justifica se esta pesquisa, pois, ao fazer uma investigação em diversos órgãos públicos da cidade, percebeu-se que nada há documentado sobre a história do bairro Florêncio Aquino Guimarães. Assim essa pesquisa tem por objetivo geral fazer um resgate de memórias da comunidade do bairro Florêncio Aquino Guimarães, fomentando a população a fazer parte da identidade do bairro. Entre os objetivos específicos, busca-se investigar os documentos e registros sobre o bairro; levantar documentos e fontes primárias; contribuir para o reconhecimento das histórias da comunidade, servindo de referências para futuras pesquisas e estudos.

Esse trabalho encontra-se dividido em capítulos, onde, no primeiro capítulo faz-se uma breve contextualização sobre a memória e suas manifestações culturais, bem como a importância de preservá-la. No segundo capítulo faz-se uma contextualização sobre a memória e a comunidade, onde procura-se mostrar a importância da memória na história de uma comunidade.

No terceiro capítulo, faz-se um paralelo entre a memória e como a produção cultural e os profissionais de Relações Públicas podem apropriar-se deste recurso, transformando-a em ferramenta para a produção da cultural. No quarto capítulo descreve-se como foi o percurso metodológico, considerando as possibilidades e dificuldades encontradas pelo autor no campo da pesquisa. No quarto e último capítulo apresentam-se os resultados da pesquisa e as conclusões finais, fazendo uma reflexão sobre o processo como um todo.

2 MEMÓRIA SUAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS

A vida humana passa por vários estágios. Muitos desses acontecimentos ficam registrados em fotos, vídeos, diários e há outros que guardam apenas em memórias. Esses acontecimentos fazem parte de nossa história de vida e do contexto em que estamos inseridos. Diante disto, percebemos a importância do resgate da memória, pois, como destaca Janssen (2005, p.3), “A etimologia da memória expressa tanto o fato da recordação, lembranças, reminiscências, como o ato de narrar, referir, relatar”.

Fazer o resgate da memória da comunidade é de extrema relevância, pois em muitos casos, não há nada que comprove documentalmente o passado do bairro, o qual muitas vezes, tem sua imagem marginalizada perante a sociedade devido a acontecimentos do passado.

Nas relações comunitárias prevalece a confiança e a intimidade, fazendo com que um se sinta próximo do outro como um organismo vivo, sendo a essência da comunidade. A vida real, com a predominância do sentimento do pertencimento a um grupo, “o nós”, como parte integrante dessa relação se torna uma das características fundamentais na formação de uma comunidade. As relações de interação levam conseqüentemente a uma associação de seus membros que pode ser compreendida como a vida real, uma das essências da comunidade (apud TÖNNIES, 1973, p. 96).

Entender e pesquisar sobre a história da comunidade é uma maneira de demonstrar à sociedade o antes e o depois do bairro e suas manifestações culturais, valorizando relatos do passado para construção da identidade do presente. Tendo em vista que as lembranças da geração passada serviram de base para a construção da atual. Delgado (1998, p.36) enfatiza que, para Lowenthal, conhecer o passado

[...] é uma façanha tão extraordinária quanto alcançar o infinito ou contar as estrelas, já que em sua amplitude, mesmo quando bem documentada, ele tem a se tornar fugidio e amplo em sua extraordinária dimensão e variedade de situações.

Ao logo de nossa existência, passamos por uma variedade de situações, estas que, com o passar dos anos, acabam perdendo-se e caindo no esquecimento. Delgado (2006, p.111) enfatiza que, segundo Ferreira, “a memória é a construção do passado pautado por emoções e vivências. É flexível e os ventos são lembrados à luz da experiência subsequente e das necessidades do presente”.

Delgado (2001, p.39) frisa a argumentação de Catroga que “atento para a relevante à construção seletiva e tensa, no tempo presente dos processos, peculiares à memória, que englobam lembranças e esquecimentos”. É comum escutar pessoas referindo-se à saudade de um tempo no qual ainda nem viviam, mas que nos registros, legados de geração para geração lhe foi apresentado como uma boa época, como um tempo de esperança.

O lugar se transforma e as memórias se perdem no tempo. A comunidade procura por seus elos, sua base seus resgates e suas histórias lembranças já esquecidas. Delgado (1998, p.37) argumenta que, para Pinto, “a memória é esse lugar de refúgio, meio história, meio ficção, universo marginal que permite a manifestação contínua e atualizada do passado”.

Além de grande importância histórica, a memória do indivíduo vai muito além de um simples conto particular, esta guarda um importante acervo que se alia à conservação do seu patrimônio intelectual ao bem- star social de uma comunidade.

A comunidade sempre deixa registros no lugar onde vive: sua história seus costumes, suas tradições, devendo-se entender, ao todo, que o lugar habitado traz sinais do modo de viver.

Têm natureza dinâmica e, como gêneros específicos do discurso, integram a cultura de diferentes comunidades. São peculiares, incorporam dimensão temporal, têm na experiência sua principal fonte, pois ao narrar as pessoas estão sempre fazendo referências ao passado e projetando imagens, numa relação imbricada com a consciência de si mesmos ,ou daquilo que elas próprias aspiram ser realidade social (KHOURY, 2000.p.131)

Cada comunidade tem seu estilo, sua herança cultural, seus costumes que, em meio ao tempo, acabam por se modificar, pois a memória é seletiva e, com o passar do tempo, acaba por tornar-se apenas uma lembrança, que faz parte da história de vida dos indivíduos.

A história de vida é uma recordação sobre os momentos do passado e do presente. Através das lembranças, torna-se possível resgatar a história de cada pessoa e entender a influência da história no coletivo. Segundo Lima; Santiago (2011, p.2) enfatiza que, para Monteiro; Carelle e Pickler (2008) “[..], a memória, para ser interpretada como coletiva, isto é, aquela que faz parte das características de um grupo de pessoas, é que ultrapassa a memória individual e biológica de um indivíduo, tornando-se a memória de uma sociedade”.

Para compreender mais esse fenômeno, torna-se necessário termos bem claro alguns conceitos e definições de memória. Ao nos aprofundarmos nos estudos, percebe-se que são inúmeras as concepções encontradas sobre memória. Dentre elas, Chuai (2006, p.141) frisa que podemos entender a memória por modalidades, dentre as quais a autora destaca que existem seis tipos grandes de memória, as quais são: a memória perceptiva, esta que permite saber e reconhecer lugares e pessoas. Memória hábito, a qual possibilita que através de gestos ou palavras, que se grava sem pensar muito se tornando algo voluntária. Memória- fluxo- dedução- pessoal trata-se da memória que nos faz guardar lembranças de diversas coisas vividas ou vistas em nossas vidas. A memória social ou histórico-fixada por uma sociedade, por meio de muitos fundadores. Memória biológica da espécie gravada no código genético das espécies de vida. A memória artificial das máquinas, baseada na estruturado cérebro humano.

A memória de que trata esse estudo é a memória social ou histórica. Diante disto, Bruno (2008, p.12) enfatiza que “[...] a memória individual não está isolada, pois o suporte em que se apóia encontra-se relacionada às percepções produzidas pela memória coletiva e pela então memória histórica [...]”.

Desta forma, é perceptível que, apesar da memória fazer parte da história de um indivíduo, não quer dizer que está não guarda fatos que possam ter contribuído ou contribui em para a história do coletivo, pelo contrário, as lembranças de uma pessoa pode sim exercer uma grande influência sobre ela seja direta ou indiretamente, segundo Chauí (2006, p.142) “graças à memória somos capazes de lembrar e recordar”, assim o resgate de memória e de suma importância, pois e através dela conseguimos lembrar acontecimentos vividos possibilitando a valorização da história de uma comunidade.

3 MEMÓRIA E COMUNIDADE

Falar sobre a aproximação entre memória e comunidade leva a pensar de que maneira se pode compreender e aprender a valorizar a cultura de uma comunidade através do resgate da memória, no intuito de colaborar com a preservação da história cultural da comunidade, tendo em vista que a história, como manifestação do fazer coletivo, incorpora vivências individuais e, por decorrência, no mínimo duas dimensões: temporal-coletiva e individual.

[...], preservação significa um conjunto de procedimentos e medidas que proporcionam a segurança física de documentos de arquivos, bibliotecas etc.; contra agentes de deterioração. Observa-se então, a preservação como ato ou efeito de salvaguardar alguma coisa contra agentes que venham a por em risco os artefatos que representam à memória de uma sociedade. (Santos 2003.p.39)

A sociedade possui muitos fatores culturais que são determinados pelo povo através de registros da memória que relatam fatos marcantes. Esse conhecimento sobre a herança cultural de uma comunidade deve ser preservado na tentativa de manter viva a tradição e costumes locais. Diante disto, Delgado (1989, p 27) enfatiza a argumentação de Loweenthal, a qual deve-se pensar a memória como uma ferramenta

[..]colaborativo para a construção do conhecimento de um povo. Assim, a memória não seria um conhecimento produzido intencionalmente, mas formada subjetivamente, apresentando-se como um meio de transmissão de experiências do passado para o presente. (DELGADO, 1989.p.27)

Essas experiências, que em muitos casos não foram documentadas, e só vivem na memória do indivíduo, tornam-se uma ferramenta importantíssima na construção da identidade de uma comunidade. Esta identidade, em muitos casos, a geração mais nova não se sente pertencente, por vários fatores, dentre os quais, na maioria das vezes, refere-se ao fato de não terem conhecimentos sobre

acontecimentos passados. Segundo Rossi (2010, p.24), “A memória (...) sem dúvida tem algo a ver não só com o passado, mas também com identidade, assim (indiretamente), com a própria persistência no futuro”.

A identidade também é a consciência que uma pessoa tem dela própria e que a torna alguém diferente das outras. Embora muitos dos traços que constituem a identidade sejam hereditários ou inatos, o meio envolvente exerce influência sobre a conformação especificada de cada indivíduo.

Por isso, pode-se dizer que uma pessoa “anda em busca da sua identidade” ou expressões semelhantes através de manifestações culturais. Manifestações essas que, em muitos casos, não são valorizadas, acabando por se perder em meio ao tempo. Segundo Chauí (2006), a desvalorização da memória ocorre devido a sociedade não considera-la uma capacidade essencial para o conhecimento.

A memória é crucial porque na memória se cruzam passado, presente e futuro; temporalidades e espacialidades; monumentalização e documentação ;dimensões materiais e simbólicas ;identidades e projetos ,é crucial porque na memória se entrecruzam a lembrança e o esquecimento; o pessoal e o coletivo;o indivíduo e a sociedade ,o público e o privado ,o sagrado e o profano.crucial porque a memória se entrelaçam registro e invenção ;fidelidade e mobilidade ;dado e construção ,história e ficção ;relevante e ocultação. NEVES (1998, P.218).

Sendo reconstruída através do lugar que recebe atenção pública vai sendo reconhecida através dos direitos e deveres que o sujeito tem sobre aquele lugar. Segundo Delgado (2012), “as posturas do passado são idealizadas como uma visão de saudade onde representa uma esperança para o futuro como uma reconstrução da capacidade de cada pessoa”, pois através dela será possível aprofundar o trabalho no bairro, ampliando, assim, o compromisso com a comunidade.

Assim, define-se também uma opção para se trabalhara partir das diversas culturas, como meio de expressar a importância de desenvolver a nossa sociedade, procurando, também, propor um trabalho, de intervir de alguma forma, na realidade desse bairro, criando mecanismos que ajudarão no processo de reprodução cultural, na construção de uma referência coletiva.

Bauman (2003, p.10) ressalva que há um preço pequeno e até invisível a pagar pelo privilégio de se viver em comunidade e este é pago em forma de liberdade, também chamada “autonomia, direito a auto-afirmação e a identidade”.

Todos estão inseridos dentro de uma rede desde que nascem até sua morte, essa rede pode ser denominada comunidade, segundo Bauman (2003, p.10)

[...] Não ter comunidade significa não ter proteção, alcançar a comunidade, se isto ocorrer, poderá em breve. Significada, a liberdade, a segurança e a liberdade são dois valores iguais e preciosos e desejados que podem ser bem ou mal equilibrado mas nunca inteiramente ajustados e sem atrito.

A transformação social caracteriza, a ritualização sobre os modos como a sociedade vivencia o processo de mudanças e lida com a questão da reprodução de heranças culturais. Todas essas relações fazem do bairro um território onde causam práticas culturais desafiadoras.

Os instrumentos que permitem penetrar nesse espaço, e as práticas construídas no projeto, estão voltados para a produção de fontes documentais baseadas nessas vivências culturais da comunidade, a um só tempo, na capacidade da comunidade em produzir esses documentos.

Devido a estes acontecimentos, desde o início as comunidades organizadas tiveram a preocupação de não esquecer do passado. As histórias do passado é que contribuíram para o desenvolvimento da compreensão da importância de se preservar a memória histórica para a evolução humana. Com isso não somente é resgatada a identidade da comunidade, mas a partir dela conseguimos entender a cultura do local onde está inserida. Neste contexto surge a produção cultural, leis de incentivos, profissionais qualificados para que a cultura de um povo não se perca em meio ao tempo. Assim, torna-se necessário entender conceitos sobre produção cultural e como se pode identificá-la no dia a dia de uma comunidade.

4 CULTURA E SUAS MANIFESTAÇÕES

Para seguir adiante com a pesquisa, torna-se necessário entender um pouco mais do que é cultura e quais suas definições. Sabe-se que são inúmeros os conceitos e definições a ela atribuídos. Segundo Chauí (2006, p.248), entre os vários significados, Kant distinguiu a cultura dentre o reino da natureza, o reino da vontade humana. Dessa forma, a cultura começa a ser interpretada de forma separada da natureza.

Ao se aprofundado o estudo para entender o significado de cultura, percebe-se que não há uma única definição que seja aceita por todos os estudiosos ao defini-la. Chauí (2006, p.250) enfatiza que podemos definir a cultura em três sentidos.

- 1- A criação da ordem simbólica da lei
- 2- A criação de ordem simbólica da sexualidade
- 3- Conjunto de práticas, comportamento, ações e instituição

O primeiro sentido, segundo Chauí (2006) refere-se a um sistema de interdições e obrigações o qual estabelece valores às coisas. Já o segundo sentido refere-se à linguagem, tanto do visível ou invisível. No terceiro e último, trata-se da do modo como os humanos relacionam-se com a natureza e dela se distinguem, podendo agir sobre a mesma. Assim pode-se interpretar a cultura em diversos sentidos e localidades, pois entende-se que existe uma diversidade muito grande, não podendo esta ser vista como única e padronizada.

Em uma comunidade, é possível encontrar-se uma diversidade cultural bastante ampla. Os comportamentos variam conforme o tempo vivido, ou seja, com o passar dos anos, uma sociedade se transforma, tendo seus costumes e crenças aprimorados.

A cultura começa a ganhar visibilidade a partir do século XX, quando passa a ser visualizada como um objeto de consumo e passando a não ser mais associada à natureza. Dessa forma, pode-se dizer que a cultura está associada a costumes, tradições, crenças, etnias etc.

A cultura, nas últimas décadas, tem se expandido cada vez mais, com a chegada da globalização. Segundo Yúdice (2004, p.26) “[...] expandiu como nunca para as esferas políticas e econômicas, ao mesmo tempo em que as noções

convencionais de cultura se esvaziaram”. A partir disso Yúdice enfatiza que a cultura passa a ser visualizada como um recurso com a chegada da globalização, abrindo mercado para a produção cultural como será abordar a seguir.

4.1 PRODUÇÃO CULTURAL

Para entender a produção cultural, é preciso fazer uma breve contextualização na história sobre como vem se expandindo a produção cultural até os dias atuais.

Sabe-se que a cultura começou a ser vista como um objeto de consumo quando passou de somente o estado da arte para movimentar o setor econômico e político da sociedade. Segundo Wolff (2003), o termo Indústria Cultural começou a ser discutido e usado pela primeira vez pelos estudiosos Horkheimer e Adorno em seu ensaio Dialética do Esclarecimento. Neste ensaio, os pesquisadores fizeram uma análise de fenômenos que ocorriam em meados dos anos 30 e 40 para explicar o processo cultural no seu contrário.

Nas observações anteriores à redação definitiva na Dialética do esclarecimento, neste ensaio usava-se a expressão “cultura de massa”. Esta foi substituída por “indústria cultural”, para eliminar desde o início a interpretação habitual, ou seja, de que se trata de uma cultura que nasce espontaneamente das próprias massas, de uma forma contemporânea de arte popular. (apud. Adorno, 1967, p.5)

Horkheimer e Adorno abordaram o termo Indústria Cultural, para explicar a cultura como objeto de consumo. A cultura passa a ser vista como mercadoria. Segundo Chauí (2006) enfatiza, Benjamin não levou em conta que a distribuição e das obras de arte na época passariam a ser feitas por empresas capitalistas, as quais visavam somente lucro e não mais se importavam com o valor sentimental do artista. Nessa percepção, Chauí (2006) frisa algumas características que são apontadas como perigo de serem perdidas devido à massificação da indústria cultural:

1. de expressivas,tendem a tornar-se reprodutivas e repetitivas;
2. de trabalho da criação,tendem a tornar-se eventos para consumo;
3. de experimentação e invenção do novo, tendem a tornar-se consagrado pela moda e pelo consumo;
4. de duradouras, tendem a tornar-se parte de mercado da moda, passageiro, efêmero, sem passado e sem futuro;
5. De formas de conhecimento que desvendam a realidade e alcançam a verdade, tendem a tornar-se dissimulação da realidade, ilusão,facilitadora, publicidade e propaganda. (Chauí,2006,p.291).

Conforme Chauí (2006) enfatiza, “A arte possui intrinsecamente valor de exposição ou visibilidade, isto é existe, para ser contemplada e fruída”, tornando-se assim, na sociedade capitalista, um negócio que movimenta o setor econômico dos países. A cultura começa a ser democratizada. Segundo Chauí (2006) essa circunstância, começou a abrir espaço para todos terem acesso tanto à informação como à formação cultural, dando direito à Produção Cultural.

A produção cultural no Brasil começou a ganhar visibilidade a partir dos anos 90, quando foram criados os primeiros cursos na Universidade Federal da Bahia e na Universidade Federal Fluminense. Mas se consolidou somente a partir da publicação do decreto 1494 de 17 de maio de 1995, a qual regulamentou a Lei Rouanet, ocasionando uma importante vitória para a classe, a qual passou a ser reconhecida legalmente como uma atividade que trabalha como intermediária de produtos culturais para fins lucrativos, através da criação de projetos que contemplem a necessidade de disseminar a cultura local, suas necessidade e manifestações culturais nela existentes.

Estas manifestações devem ser entendidas como parte de um processo de desenvolvimento na construção da cultura para as novas gerações. Nesse sentido, percebe se a importância da preservação da memória como forma de preservar a história cultural de uma comunidade. Tendo em vista que cultura

“[...] se alimenta de arte, de literatura, de cinema, de linguagem, de construções, de artesanato, de música, de dança, de culinária, de gestualidade, de programas televisivos e radiofônicos, e de tantos infinitos sinais humanos a revelarem a alma do povo. LÍBANO (2001, P.9)

Diante do exposto percebe-se que são inúmeros os fatores que demonstram a cultura de um povo através de suas manifestações culturais, é de suma importância então que se devam preservá-las, segundo Líbano (2001, p.5.) “[...] Sem zelar pela tradição e pelo patrimônio espiritual que um povo constrói, a cultura se perde. Na sociedade globalizada cresce o risco de as culturas de países dependentes sofrerem danos irreversíveis pelo impacto das culturas dominantes”.

A preservação da cultura como fenômeno social apresenta-se como processo histórico de um povo. Existem atualmente diversas políticas públicas a qual os governos de diversas nações fazem um trabalho incansável para preservar o patrimônio tanto o material quanto o imaterial a fim de preservar a herança cultural, a qual deixou marcas e lembranças na cultura atual.

4.2 A MEMÓRIA COMO RECURSO PARA PRODUÇÃO CULTURAL.

Como há poucos estudos relacionados ao resgate de memória, percebe-se que se trata de um campo com um potencial imenso para o produtor cultural inserir-se nele, levando em conta que uma das atividades da produção cultural é seguir alguns ciclos, desde a produção, até a difusão e a circulação do produto cultural, para SILVA; MARTINS enfatiza que, segundo a UNESCO, a produção cultural é formada por ciclos produtivos, estes que se definem pela criação, produção, difusão, exibição/transmissão e consumo/participação.

Criação de ideias, conteúdos e produtos originais (o artista e obra); produção das formas culturais (como telenovela), bem como as ferramentas, a estrutura e os processos de fabricação (impressão de livros, por exemplo); difusão com intuito de dar visibilidade e alcançar consumidores/platéia/público; exibição/transmissão dentro do contexto, do lugar da atividade cultural (TV, teatro, museus, etc.); e consumo/participação na prática da atividade cultural em si realizada pelo consumidor, platéia, público, leitor. (SILVA; MARTINS, 2013, p.6)

Diante disso, percebe-se que o campo da produção cultural, nos últimos anos está em ascensão, abrindo espaço para vários profissionais, de áreas diversas do saber, inserirem-se neste contexto, a partir dos ciclos produtivos da produção cultural.

Tendo em vista que, segundo Silva; Martins (2013, p.6) em seu artigo Relações Públicas na produção cultural: uma proposta norteadora enfatiza que segundo Rubim (2005), os profissionais podem apropriar-se da produção cultural a partir dos ciclos de produção cultural desde

a criação ao qual intelectuais, cientistas, artistas e criadores das manifestações culturais populares, já na transmissão/difusão/divulgação profissionais como educadores, professores, profissionais da comunicação e das mídias, na preservação arquitetos, arquivistas, restauradores, museólogos, bibliotecários, etc., reflexão/investigação abre espaço para críticos culturais, estudiosos e pesquisadores, na gestão cultural pode-se inserir os administradores, economistas, contadores, advogados, etc., na organização os profissionais da produção cultural (ou promotor, animador).

A memória, a partir de seu resgate, pode ser transformada em ferramenta utilizada estrategicamente para a produção cultural. Por exemplo, uma das possibilidades é que, após o resgate de memória da Comunidade Florêncio Aquino Guimarães, o pesquisador entenda que, para tornar conhecida a história dessa comunidade, haja a necessidade de realizar uma mostra, onde exponha fotos que possam retratar a história da comunidade ou mesmo, dentro da realização de seu trabalho, produzir um material audiovisual a partir das histórias relatadas. Enfim, são várias as possibilidades, e cabe aos profissionais estarem inseridos nesse contexto, usando seu conhecimento de forma estratégica, em prol do bem comum, a fim de contribuírem com a sociedade onde se encontram inserido.

4.3 PRODUÇÃO CULTURAL LOCAL

A cultura local caracteriza um estado que torna de suma importância que sejam conservadas suas manifestações culturais e seus hábitos, pois através disso o indivíduo se identifica. Segundo BRANT (2003, p.3) “[...] a vida em sociedade tal como a conhecemos, é fruto de uma cultura secular, que se transforma ininterrupta e constantemente”. O autor ainda afirma que “a falta de visão crítica e de referências culturais que consolidam a identidade de um povo faz com que se torne mais suscetível aos valores descartáveis da sociedade de consumo”, reafirmando a necessidade social da cultura.

Assim, Ribemboim (2003, p.125) afirma que “A cultura local pode ser próxima de fatos que podem desenvolver um entrelace à comunidade, pois é diversa a cultura”. Através da produção pode-se perceber o processo de contribuição que esta atividade exerce através da cultura local.

Segundo Folcalt (1997, p.75) apropriando-se do conceito de poder Folcalt, afirma que o poder está presente e “se revela nas mais diversas esferas e locais históricos como a família, asilo, hospital etc.; em suma, no cotidiano de cada indivíduo ou grupo social”. Já para Certeau (1999, p.17), “toda cultura requer uma atividade, um modo de apropriação, uma adoção e transformação pessoal um intercâmbio instaurado em um grupo da sociedade ele representa um conceito de

cultura falando de outro lugar, de outras fontes, do homem no cotidiano ordinário sem deter-se a conceituação.”

Em outros termos, a visão dialética ou dualista de mundos não tem voz e muito menos vez numa perspectiva, multicultural, já que é inegável que os espaços “não são áreas delimitadas e homogêneas de interação em que as identidades e os sentimentos são formados com recurso material e simbólicos de origem local, nacional e transnacional” (Cancline, 1993, p.153).

5 METODOLOGIA

Para realização dessa pesquisa foram utilizados três métodos de pesquisa: pesquisa bibliográfica, a qual pode se definir por análise de materiais já existentes como livros e artigos científicos dentre outros. Já a pesquisa documental aproxima-se da pesquisa bibliográfica. A distinção entre ambas é que na pesquisa documental, documentos que não tiveram um tratamento minucioso são levados em consideração no decorrer do procedimento da pesquisa.

Outro método de pesquisa que se fez necessário para o andamento desse trabalho que foi o estudo de caso, pois segundo Gil (2007), esse se caracteriza por se tratar de um estudo que requer uma análise profunda do objeto pesquisado, de forma que consiga esgotar todas as possibilidades de conhecimento da fonte pesquisada.

5.1 Pesquisa Bibliográfica

Para a realização de um estudo de cunho científico, torna-se necessário seguir algumas etapas, que devem ocorrer de forma ordenada e planejada. A pesquisa bibliográfica é baseada em métodos e técnicas. Ao recorrer a este método de pesquisa, o pesquisador deve analisar pesquisas científicas já existentes na tentativa de encontrar uma resposta parcial para seu problema. Esse método de pesquisa, segundo Gil (2007, p.65), “é particularmente importante quando o problema pesquisado requer dados que estão dispersos no espaço”.

Stumpf (2008) enfatiza que a pesquisa bibliográfica trata desde o início de uma pesquisa, o que exige do pesquisador, a partir do conhecimento de materiais já existentes, poder contribuir com a reflexão sobre o tema escolhido. Isso requer planejamento e organização por parte do pesquisador. Não quer dizer que outras formas de pesquisa não requeiram planejamento e organização. Para qualquer estudo é preciso fazer uma reflexão profunda sobre o assunto a fim de chegar à resposta para o problema pesquisado.

5.2 Pesquisa documental

A pesquisa documental se assemelha ao estudo bibliográfico, porém nesse método, Gil (2008) enfatiza que, o que difere ambas, são as fontes pesquisadas. Na pesquisa bibliográfico, como explicado anteriormente, parte-se da análise de matérias já publicadas e documentados. Já a pesquisa documental vale-se de materiais que não obtiveram um tratamento analítico, o que exige um minucioso trabalho por parte do pesquisador, devendo esse buscar fontes que contribuam com seu trabalho de pesquisa, como por exemplo: acervos de igrejas, sindicatos, instituições etc. Mesmo aquelas que já foram analisadas, mas que podem receber, a partir da visão do pesquisador, uma análise diferente.

5.3 Estudo de caso

Esse estudo, segundo Gil (2007), é “caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado”. Esse método exige que o pesquisador esteja preparado para investigar seu objeto a fim de arrecadar maior quantidade possível de informação sobre ele.

Duarte (2008, p.215) enfatiza que para Yin (2001), esse método apresenta vantagens e desvantagens no seu uso, devendo o pesquisador levar alguns fatores em consideração: “o tipo de pesquisa em questão, o controle que o pesquisador sobre eventos comportamentais afetivos, o foco em fenômenos histórico, em oposição a fenômenos contemporâneos”.

Foram analisados, nesse estudo de caso: acervos pessoais dos moradores mais antigos da comunidade Florêncio Aquino Guimarães, materiais publicados em veículos de comunicação, que falam sobre a comunidade, histórico de evento, e arquivos fotográficos. Também foram desenvolvidas entrevistas, onde foi dado o assunto e, a partir dele deixou-se o pesquisado relatar sua história, buscando identificar, através do resgate de memórias individuais, resíduos que fazem parte da história do coletivo, e quais as manifestações culturais existiam na época.

6 ESTUDO DO BAIRRO FLORÊNCIO AQUINO GUIMARÃES

Nesse capítulo, define-se para os leitores o campo da pesquisa, bem como os resultados da reflexão sobre dados encontrados, a partir das vozes dos entrevistados.

6.1 História do Bairro Florêncio Aquino Guimarães, passado e presente

O Bairro Florêncio Aquino Guimarães, iniciou sua formação em meados dos anos 50, quando veio a ser habitado pelos primeiros moradores na tão conhecida Vila Alegre. Essa vila começou a ser palco de muitos amores e desamores, por tratar-se de um lugar que passou a concentrar os prostíbulos da cidade, como se percebe a partir da fala do senhor Evaristo: “Quando vim morar na cidade, eu tinha uns 17 anos, e nessa vila, a maioria das casas que existiam aqui, eram usadas como casas de mulheres. Aqui tinha muitas mulheres bonitas, e várias pessoas da cidade frequentavam esse lugar procurando diversão”.

No entanto, o bairro somente vem a se efetivar nos anos 70, quando passou a ser habitado não só por pessoas que faziam parte de prostíbulos, dentre os quais um casal: senhora Juliana e senhor Roque: “Casamos em 1970 e logo nos mudamos para cá. Na época havia somente três moradores e o resto eram matos e terrenos vazios. Do outro lado tinha algumas casas que eram usadas como casas de mulheres. Casas de famílias, tinham somente três”.

Durante os anos 70, poucas pessoas tinham acesso às necessidades básicas de vida, como nos relata a senhora Juliana: “Naquela época era tudo mais difícil do que é hoje. Não tínhamos energia elétrica ou água encanada. Poucas pessoas tinham dinheiro para sua sobrevivência”. Diante dos relatos dos entrevistados percebe-se a importância da argumentação de Bruno (2008), onde o autor enfatiza que a memória individual não está isolada, pois a partir dessa consegue-se relacioná-la com a memória coletiva e enfim conhecer a história.

No intuito de conhecer a história do bairro, tenta-se explorar ao máximo possível as memórias dos entrevistados a fim de conseguir, através das lembranças que guardam, fragmentos que podem ajudar na construção da história do bairro, levando em consideração que se tratam de pessoas com idades bastante elevadas, o que exigiu atenção e cuidado redobrado no decorrer da pesquisa de campo. Ante esse cenário, Delgado (2006) enfatiza a fala de Ferreira, onde a autora argumenta que a memória é uma construção do passado, onde se aliam as emoções e vivências das pessoas envolvidas na construção do processo de memória.

Apesar de poucas moradias no bairro, nessa época, nas limitações do mesmo já se situava o Cemitério Jardim da Paz, hoje um marco na cidade, pois é um lugar onde se encontram os restos mortais de várias figuras públicas que marcaram a história, não só da cidade, mas do Brasil. Esse recebe um número bastante alto de turistas durante o ano, no intuito de conhecer um pouco da história do Brasil. O cemitério, ao longo dos anos, sofreu algumas modificações até os dias atuais como nos relata o senhor Roque: “O muro do cemitério eram três fios de arame que o separavam das casas que existiam”. O muro do cemitério somente veio a ser construído a partir da mobilização dos moradores, e engajamento do então vereador da cidade Sr. Pércio Colombo Lima, como nos relata o senhor Roque: “o Pércio lutou, junto conosco para construir este muro, pois não dava para aguentar os bichos, o mau cheiro e muitas outras coisas que vinham dali”. A construção do muro foi considerada uma grande conquista para comunidade, uma vez que esta ação melhorou a qualidade de vida das pessoas que ali moravam. Além desses problemas, o senhor Roque ainda nos relata de que forma os corpos dos falecidos a tiros eram periciados: “sem esse muro, muitas vezes nós conseguíamos ver como era feita a retirada de balas dos falecidos. Somente abriam a cabeça das pessoas e retiravam a bala”. Nos dias atuais esse trabalho não é mais feito dentro do cemitério.

O cemitério sofreu inúmeras mudanças durante os anos, dentre as quais, a construção de muros e a forma como os corpos dos falecidos, que até então eram enterrados no chão e passaram a ser colocados em cima da terra, sem a necessidade de cavar buracos no chão para o depósito de restos mortais.

Figura 1- Cemitério Jardim da Paz



Fonte: Ruan Augusto Cornelius

Em 1922, o cemitério passou a guardar um mistério que até os dias atuais ainda permanece. Em uma noite, misteriosamente, um túmulo aparentemente de uma criança, surgiu em seu território, sem ninguém saber de quem se tratava ou mesmo a que família pertencia. As indagações sobre a identidade da criança se espalharam rapidamente e muitos contos surgiram em torno do mesmo como nos relata o senhor Vilmo: “Este túmulo apareceu do dia para a noite e ninguém sabe quem é e de onde veio esse corpo. Uns dizem que um fazendeiro, cujo nome não se sabe até hoje, enterrou na calada da noite para esconder da sociedade que sua filha teve um filho. Outros dizem que se trata de do filho de alguma garota que fazia programa e o enterrou sem que ninguém percebesse. Mas a história verdadeira ninguém sabe”. Até os dias atuais esse fato continua sem esclarecimento. Outro fato que chama a atenção sobre esse túmulo até hoje é que muitos fiéis relatam que a criança é milagreira, e muitas oferendas são deixadas no túmulo, no entanto nenhuma religião, até o momento, tratou-a como tal.

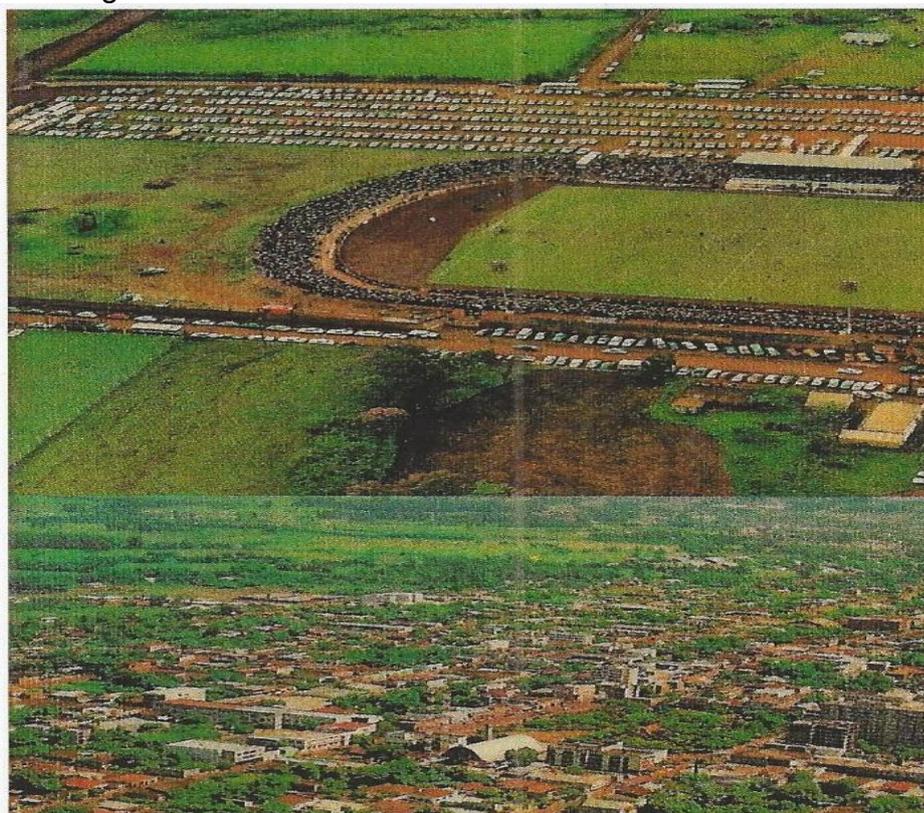
Figura 2- Túmulo do Anjinho



Créditos: Ruan Augusto Cornelius

Nas imediações do bairro, também encontra-se outro patrimônio cultural, o Estádio Vicente Goulart, mais conhecido como “Vicentão”, que foi sede de jogos importantes na época, pois inúmeros times do Brasil, hoje reconhecidos mundialmente, estiveram em partidas nesse ambiente.

Figura 3-- Estádio Vicente Goulart “Vicentão” em 1977.



Fonte: Revista Armazém da Cultura n° 3 julho 09

Foto: do Arquivo Pessoal de Paulo Correa.

Como se percebe através de relatos e fotos de acervo pessoal de algumas pessoas da comunidade, como o da senhora Estrela: “Esse estádio foi palco de inúmeros jogos de times nacionais, como o Grêmio e o Internacional. Hoje está abandonado pelo Poder Público, o que é uma judiaria”. Diante desse contexto, conforme Líbano (2001, p.9), enfatiza, sem zelar o patrimônio que o povo constrói, ele acaba perdendo-se em meio ao tempo.

Figura 4- Estádio Vicente Goulart “Vicentão” em dias atuais



Créditos: Ruan de Oliveira Cornelius

A luta da comunidade por melhoria na qualidade de vida continuou por diversos anos. A cada dia que passava, a comunidade se expandia mais conforme nos relata seu Roque: “O fazendeiro começou com o passar dos anos, a vender parte de suas terras para construírem casas. Por fim, vendeu tudo”. A partir da venda dessas terras, o acesso às necessidades, que hoje são consideradas básicas, ficou cada vez maior. Então, a comunidade resolveu se unir para colocar pressão no poder público, para que esse garantisse à população daquela localidade, o acesso: “Fizemos um abaixo-assinado para puxarem a água encanada. Quando chegou a

ligação da água, um dos moradores se recusou a ajudar pagar. Daí, todos nós, os outros moradores, tivemos que nos unir para pagar a parte dele. Assim conseguimos puxar a água”.

A mobilização dos moradores continuou no intuito de conseguir mais melhorias, para fazer daquele lugar um bairro pelo menos que oferecesse condições mínimas de vida, pois os moradores tinham poucos recursos financeiros, até mesmo para construir suas casas, como nos relata dona Joana: “eu mal tinha dinheiro para comer eu e meus filhos. Comprei um pedaço de terra aqui no bairro e fiz uma casa de capim e papelão. Quanto começou a ficar melhor a situação, meu vizinho fez as paredes de barro. Ainda hoje se encontram algumas casas aqui com as paredes de barro”.

Figura 5- Algumas Casas da época do bairro Florêncio A. Guimarães



Fonte: Acervo pessoal de Regina L.Medeiros

Na gestão do então prefeito José Pereira Alvarez, foi construído o Centro Comunitário do bairro, o qual passou a ser sede de vários eventos que começaram a ser realizados na comunidade com a ajuda do então prefeito Luiz Carlos Heinze, hoje deputado federal.

Figura 6- Associação de Moradores Florêncio Aquino Guimarães



Fonte: Própria Autora.

A comunidade passou a fazer festas comemorativas, como nos relata dona Juliana: “Após a construção da Associação algumas ações como a Pastoral da Criança, passaram a ser oferecidas aqui. Eu era líder da Pastoral. Virei líder porque queria ajudar minha comunidade e não tinha recursos para ajudar a todos. Então, através da Pastoral, começamos a produzir alimentação com vitaminas aos participantes do grupo, para tirar as crianças que não tinham o peso normal da desnutrição, por não ter uma alimentação saudável”.

Dona Juliana ainda menciona em sua fala: “Muitas mães passaram a frequentar a Pastoral. Com o passar dos anos, conseguimos ajuda de pessoas influentes na cidade, naquela época. Assim pudemos começar a fazer festas comemorativas no Dia das Mães, no Dia da criança, na Páscoa, no Natal”.

Figura 7- Ajudantes da Pastoral da Criança



Fonte: Acervo pessoal de Rita M. Almeida

Figura 8- Festa do Dia da criança, iniciativa da Pastoral da Criança



Fonte: Acervo pessoal de Rita M. Almeida

A partir da construção da Associação Comunitária, começaram a se formar grupos de canto, através da Pastoral da Criança, que ficaram conhecidos como “Coral”, e esses ensinavam às crianças da comunidade, cantos da religião católica, no intuito de se apresentarem em outras comunidades. Com o passar do tempo, o Coral acabou.

Figura 9- Ensaio do Coral



Fonte: Acervo pessoal de Rita M. Almeida

Figura 10- Ensaio do coral para o Natal



Fonte: Acervo Pessoal de Rita M. Almeida

Na continuação dos anos, a população do bairro aumentou e a condição financeira das pessoas da comunidade melhorou bastante. Entretanto, muitas ações que eram desenvolvidas na comunidade passaram a não mais existir. Apesar da condição de vida dos então moradores ter ficado melhor, o bairro passou a sofrer com o aumento da marginalidade, pois gangues começaram a disputar território no bairro, como nos relata seu Filadelfio: “Nosso bairro, teve um tempo, que tornou-se bastante perigoso, pois se formaram duas gangues que brigavam muito: os “Anjos da Noite” e os “Moiteiros”. Sair de casa à noite ficou bastante perigoso, e é por isso que, até o dia de hoje, tem gente que, quando fala do nosso bairro, fica com medo de vir para cá. Mas hoje é tudo muito tranquilo. Como em todos os bairros, sofremos com alguns problemas sociais, mas é muito calmo morar aqui. Tem pessoas humildes mas batalhadoras, que trabalham para manter o sustento de suas famílias. Aquelas gangues não existem mais”.

Marcado pela marginalidade, o bairro passou a ter sua imagem denegrida perante a sociedade, e com má fama difundida em toda a cidade. A comunidade aumentou e as pessoas continuaram a se unir para que continuassem as melhorias para a localidade.

Em 1995, o empresário Izidro Rigo contemplou a comunidade com a construção de uma creche em seu território, a qual passou a receber as crianças

daquela localidade. Como nos relata dona Flor: “A creche foi construída por iniciativa do senhor Izidro Rigo, que queria homenagear seu filho, que faleceu um ano antes da construção. Era ele que mantinha a creche. Pagava funcionários. Dava uniforme para as crianças. Acho que não tinha ajuda da prefeitura”. Assim ocorreu por alguns anos, até que o empresário resolveu fechá-la. “Não sabemos por que fechou a creche” frisa dona Flor. Ficou fechada por vários anos, até que em 2006 o empresário doou o prédio da creche em comodato para que fosse administrada pela Prefeitura Municipal de São Borja, com a condição de que permanecesse com o nome de Luiz Antonio Rigo.

Figura 11- Creche Luiz Antonio Rigo.



Fonte: Própria Autora

Ao longo dos anos, a comunidade passou a se modificar e as pessoas passaram a não mais ter aquela motivação que os primeiros moradores tinham: “hoje essa gurizada não mais se importa pelo bem-estar em grupo. Só pensam em si, e nós ficamos velhos, já não temos o mesmo pique que antes” friza seu Vilmo.

Atualmente, a realidade do bairro é marcada pelo desleixo do Poder Público. Ao se visitar o Estádio “Vicentão”, percebe-se esse descuido com o patrimônio. Hoje, no estádio são realizados jogos de times de São Borja, de categorias amadoras. Já o cemitério tornou-se um ponto turístico da cidade, pois abriga ali os restos mortais de importantes políticos do Brasil, como já citados anteriormente.

Apesar das modificações sofridas pelo bairro, ao adentrar-se à pesquisa de campo, percebe-se que existem diversas manifestações culturais até os dias de hoje. Dentre as quais pode-se citar uma festa conhecida e comemorada em todo o Brasil, o Carnaval. No bairro, essa festa surgiu a partir do sentimento de solidariedade de alguns moradores, como nos relata Sol: “a idéia de promover noites de carnaval na rua surgiu no intuito de arrecadar dinheiro para ajudar uma criança da comunidade que estava com leucemia e precisava fazer tratamento fora de São Borja. A primeira vez que fizemos, conseguimos, ao todo, um bom dinheiro para essa criança. E assim aconteceu. Fechamos a rua para que acontecesse a festa”. A primeira edição teve aceitação bastante considerável pela comunidade, que adorou a idéia, como enfatiza Estevão: “nosso bairro há anos não tinha uma festa que juntasse todos daqui. E o Carnaval foi uma ótima idéia”. Após a aceitação, algumas moradoras da comunidade, organizadoras do evento criaram um bloco denominado “Ei que tal” para comandar a festa que ocorre na rua. Essas noites de Carnaval deveriam acontecer na Rua Engenheiro Manuel Luiz Fagundes, por se tratar de uma rua asfaltada. No entanto, a administração municipal não permitiu o fechamento da rua, acabando por mandar asfaltar a Rua Tamarindo, que há sete anos sedia as quatro noites de Carnaval.

Figura 12- Bloco idealizador do Carnaval de Rua Tamarindo.



Fonte: Acervo pessoal das Irmãs Pinto.

Com o passar dos anos, aconteceram muitas mudanças. Entretanto, muitas destas modificações foram se perdendo em meio ao tempo, por diversos fatores, dentre os quais cita-se a falta do sentimento de pertencimento à cultura local pela juventude. Nesse contexto, percebe-se a pertinência da argumentação de Chuai (2006), sendo que a desvalorização ocorre porque a sociedade mais jovem não considera a memória e a herança cultural para conhecimento. A partir da análise de Chuai e do cenário encontrado no campo da pesquisa, consegue-se compreender o porquê de parte da história da comunidade ter se perdido no tempo. Quando feita a análise em órgãos públicos da cidade, poucas informações foram encontradas sobre a história do bairro.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo realizado na comunidade Florêncio Aquino Guimarães iniciou-se a partir de um gosto pessoal em compreender a história através da memória. Isso facilitou a realização deste trabalho. Ao longo da pesquisa, foi possível compreender as motivações do sentimento de falta de pertencimento à cultura da comunidade por parte da juventude.

Através dessa pesquisa consegue-se conhecer com mais profundidade a realidade do bairro, suas dificuldades, conquistas e histórias ao longo dos anos, percebendo-se que, mesmo com muitas dificuldades que o bairro enfrenta diante da sociedade são-borjense, como o abandono do poder público, os moradores daquela comunidade continuam lutando sempre para ter um bairro melhor, sem esquecer o amor ao próximo.

Estudar o resgate de memória dessa comunidade, a partir das vozes dos entrevistados da análise documental, mesmo enfrentando dificuldades por haver poucos documentos que relatam a história da comunidade. Entende-se a veracidade da fala de Delgado (1998, p.36) que enfatiza que, para Lowenthal conhecer o passado, torna-se uma façanha tão extraordinária quanto alcançar o infinito ou contar as estrelas. Esse sentimento é perceptível em cada fala dos entrevistados, os quais, a partir de seus relatos, conseguem encontrar na memória, os vestígios da construção da cultura daquele povo e suas manifestações culturais.

De modo geral, entende-se que a diversidade cultural nessa comunidade é vasta, e não vem sendo aproveitada. Nesse sentido, através do resgate de memória, há a possibilidade de profissionais das Relações Públicas se inserirem nesse campo rico de manifestações, no intuito de valorizar a cultura local, tornando a produção cultural uma ferramenta de comunicação que pode beneficiar a comunidade através de projetos para reconstruir sua história que, até então, estava esquecida, e que marcou não só a vida de quem pertence ao bairro, mas como parte da história da cidade.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.

BRANT, Leonardo. **O poder da cultura. São Paulo:** Peiropólis, 2009.

BHABHA, Homi k.**O local da cultura.** Homi K Bhabha, tradução de Myriam Ávila, Eliana LOURENÇO de Lima reis ,Glaucia Renate Gonçalves-Belo Horizonte :Ed. ufmg, 1998

BOSIO, Eclea. **O tempo vivo da memória, ensaios de psicologia social.** SÃO PAULO: ateliê editorial, 2003.

BURKE, Peter. **O que é Historia Cultural.** PETER BURKE, tradução Sergio Goes de Paula. 2. Ed.rev. e ampl.Rio de Janeiro :ZAHAR,2008

CAUDAU, Joel. **Memória e Identidade:** tradução Maria Letícia Ferreira. -São Paulo: 2011.

COELHO, Frederico. **Eu, brasileiro, confesso minha culpa e meu pecado:**Cultura marginalizada no Brasil das décadas de1960 e 1970. Frederico Coelho-Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2010.

CHAUÍ, Mariele. **Convite á filosofia.** 13ed. São Paulo: Atica.2005.

DUARTE, Márcia Yukiko Mutsuuki. **Estudo de caso.** in-DUARTE,Jorge; BARROS,Antonio (org) **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação.**2.ed.São Paulo:Atlas,2008.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral- memória, tempo, identidade.** Belo Horizonte: Autentica, 2006.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2007.

HALL, Stuart. A Identidade cultural na pós modernidade/ Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracina Lopes Louro- 11. Ed.- Rio de Janeiro: 2006

LE GOLFF, Jacques, 1924-**História e memória.** Jacques Le Goff. tradução Bernado leitã. [et al]5ª Ed .Campinas,SP editora da Unicamp,2003.

RICCEUR, Paul.1913 **A memória, a história, o esquecimento.** Paulo Ricceur. Tradução. Alain François [et AL.].campinas,SP;editora da Unicamp,2007.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado:** História oral. Paul Thompson; tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro; paz e terra, 1992

Figura 2- Documento de localização do Bairro Florêncio Aquino Guimarães

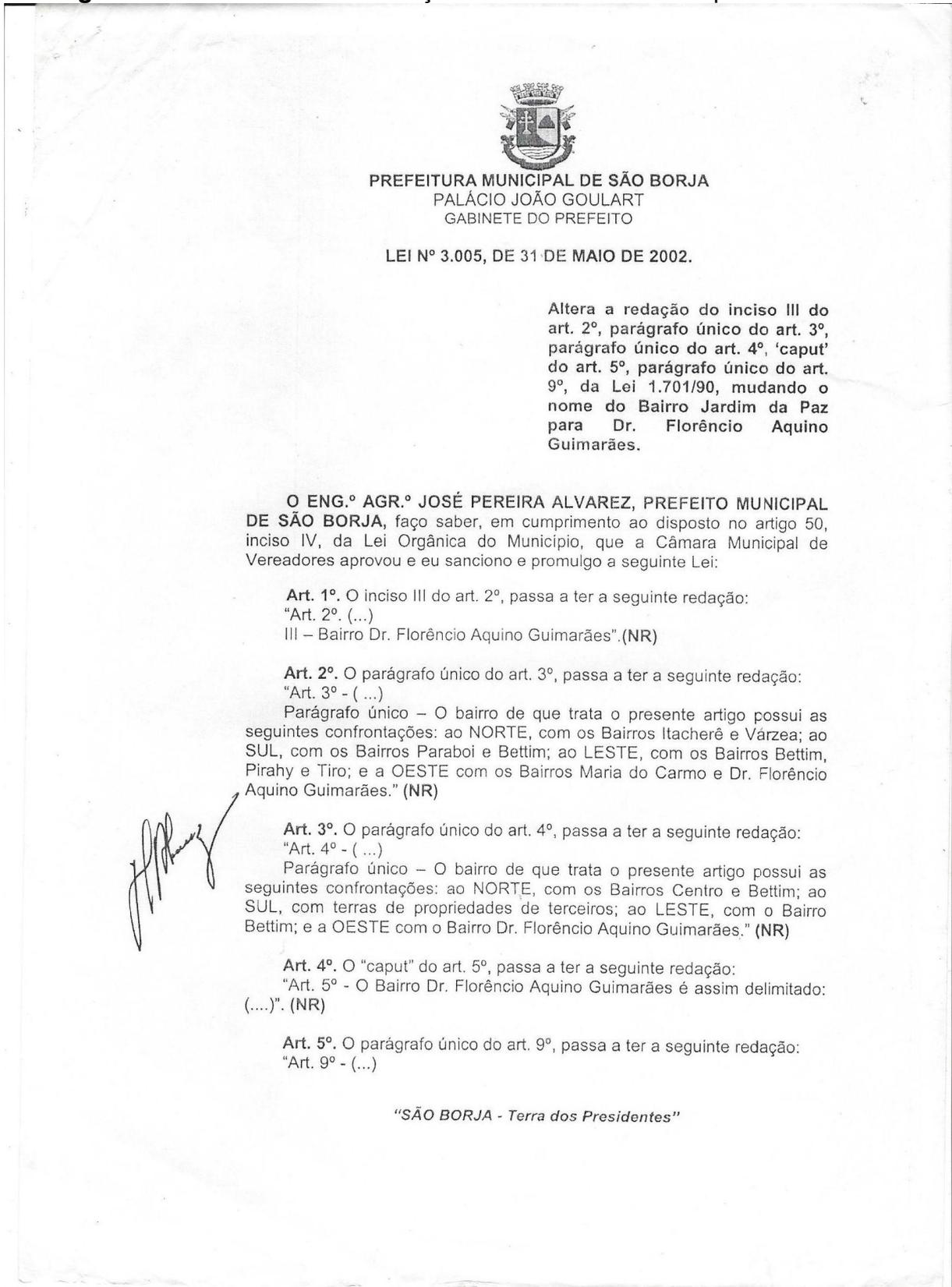
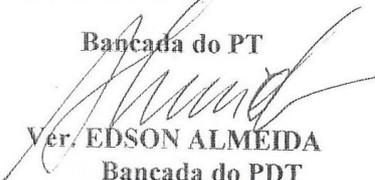


Figura 3- Documentação que denomina o nome do Bairro e quem e Florêncio Aquino Guimarães.



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
CÂMARA MUNICIPAL DE VEREADORES DE SÃO BORJA
EDIFÍCIO PRESIDENTE GETÚLIO DORNELLES VARGAS

<p>Líder da Bancada do PT</p>  <p>Ver. DILON PAIANI Líder da Bancada do PPS</p>	<p>Bancada do PT</p>  <p>Ver. EDSON ALMEIDA Bancada do PDT</p>
--	---

3 - 15p

Ver. DINO N. LOPES
Líder da bancada do PCdoB

JUSTIFICATIVA

A Câmara Municipal de Vereadores de São Borja apresenta para ser apreciado pelos Senhores Vereadores e Vereadora, o Projeto de Lei que " Denomina o Bairro Dr. Florêncio ".

Florêncio Aquino Guimarães, nascido na cidade de Santiago, em 15.04.1925, veio Para São Borja com três anos de idade. Filho de Sérgio Guimarães, natural de São Borja e de Ernestina Aquino Guimarães natural de Santiago. Cirurgião Dentista, formado em 1947, exerceu a profissão durante 40 anos. Sempre exerceu atividade política, deste os tempos de faculdade onde exerceu a presidência do diretório Acadêmico. A partir daí iniciou uma carreira política pautada na convivência pacífica com os contrários a sua ideologia, sendo admirado pelos mais ferrenhos adversários políticos. Foi Vereador pelo Partido Trabalhista Brasileiro – PTB, duas vezes e pelo Movimento Democrático Brasileiro – MDB, uma vez. Exerceu a Presidência da Câmara de vereadores por três vezes em 1955, 1958 e 1969. Foi Prefeito de São Borja de 1960 a 1963, tendo sido também candidato a Deputado Estadual em 1978, não obtendo êxito. Em 1964, quando ocorreu o golpe militar que destituiu da Presidência da República o São-borjense João Belchior Marques Goulart, Florêncio era Presidente do Partido Trabalhista Brasileiro – PTB, em São Borja, função que exerceu até o fechamento dos partidos políticos pelo governo militar. Após serem criados a Aliança Renovadora Nacional – ARENA e Movimento Democrático Brasileiro – MDB, ingressou neste último onde, junto com outros políticos, participou de todos os movimentos em prol do restabelecimento da democracia em nosso País. De 1965 a 1970, usou de maneira contundente a sua capacidade de contestar a ditadura militar escrevendo seus comentários e crônicas políticas nos jornais "7 dias" de São Borja e " A Platéia" de Livramento, que na



PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO BORJA
PALÁCIO JOÃO GOULART
GABINETE DO PREFEITO

Parágrafo único - O bairro de que trata o presente artigo possui as seguintes confrontações: ao NORTE, com o Bairro da Várzea; ao SUL, com os Bairros Dr. Florêncio Aquino Guimarães e Centro; ao LESTE, com o Bairro do Centro; e a OESTE com terras de propriedade de terceiros." (NR)

Art. 6º. Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

GABINETE DO PREFEITO MUNICIPAL DE SÃO BORJA, aos trinta e um (31) dias do mês de maio do ano de dois mil e dois (2002).

Eng.º Agr.º José Pereira Alvarez,
Prefeito Municipal

Registre-se e Publique-se.

Jorge Luiz Goulart Roos
Jorge Luiz Goulart Roos,
Chefe de Gabinete

"SÃO BORJA - Terra dos Presidentes"

Figura 4- Poesia composta em homenagem a História do Bairro.

ROMANCE DA "VILA ALEGRE"

SILVA RILLO

A Miguel Fabricio, que me
encomendou estes versos ...

No que passa o Cemitério,
quem vai do Povo ao Mangrullo
- rumo por onde o Apulho
tropeou em tempos de moço -
se escuta a esquerda o alvoroço
do chinaredo pavena,
como sapo em cantilena
gemendo em beira de poço.

Uma rua pelo meio,
um beco e um largo no fim,
a estampa urbana é assim
desataviada e simplória.
Mas çaramba, quanta história
de amores, porres e brigas
não se resguarda e se abriga
neste reduto sem glórias!

Vinte casas, quando muito,
de zinco, barro e tijolo,
feitas no estilo crioulo
de algum pedreiro bagual,
lembrando assim mal e mal
a quem lhe chega de esbarro,
caserio de joao de barro
brotando de pastical ...

Botecos de meia porta
com balcões mal escorados,
mal e mal iluminados
por candieiros e lampeões,
são o teatro onde os facões
berram num bote violento
o derradeiro argumento
quando carecem as razões ...

"Vila Alegre" foi chamada
- batismo de relancina -
por boca de alguma china
que por lá na vida insiste.
Mas na verdade, se existe
nome melhor que lhe assente,
deveria, certamente,
chamar-se de "Vila Triste" ...

Pobre reduto do Vício,
que por estranho mistério
quase junto ao Cemitério
levanta as taipas despidas,
como a lembrar as perdidas
que um mesmo destino ingrato
vizinha as mortas de fato
as pobres mortas em vida ...

Pôrto comum onde ancoram
com as brancas velas raggadas
chinas de muitas estradas
num andejar vagabundo,
trazendo nos olhos fundos
a marca que lhes castiga
da profissão mais antiga
que se conhece no mundo.

É o chinaredo que a Vida
tocou pra mesma mangueira
- guexas de muita basteira,
marcas da mesma pandilha.
Lubuna, negra ou tordilha,
nenhuma refuga o freio,
pois egua desse rodeio
não corcoveia na encilha ...

No que a noite estende o ponch
de ponta a ponta de terra,
é dado o grito de encerra
neste rodeio geral,
mesmo que vaca pra sal
vão todas para o sogueiro
na espera de algum campeiro
pra lhes botar o buçal ...

Se transforma então a "Vila"
num redepeite de gaita,
rindo nas mãos de algum taita
de chapéu no cocoruto,
passando a ser o reduto
dos bailes de cola-atada
na risada debochada
des toques de um chicho-bruto!

Contin

Lá se junta o cajetilha
 luzindo em jaleco novo
 com a rapaziada do Povo
 e o pêlo duro da grotá.
 O baile então se alvorota
 e a mistura é divertida :
 - bombacha e calça corrida,
 pé no chão, sapato e bota!

Se arma um rôlo de repente
 por nada ou por quase nada,
 corre o tapa e a bofetada,
 corre o cascudo e o biscoito,
 e no mais algum afoito
 se larga espalhando brasa
 furando o forro da casa
 num berro de trinta e oito!

É só china abrindo o peito
 como terneiro com fome,
 gritando pelo seu homem
 que a deixou solta na sala,
 e um guaiacão perde a fala
 quando a bombacha se arreia
 por ter cortado a correia
 num refilação de bala ...

Longito do borborinho,
 contando os trôcos do sôldo,
 um milico arreia o tôldo
 nos braços de uma de cacho.
 Recém domado de baixo
 vai sofrenando a impaciência
 nessa primeira experiência
 de sua história de macho ...

.....

Chega ao fim mais uma noite
 das tantas noites da "Vila",
 e a madrugada tranquila
 vai lhe espantando os vassalôs,
 - enquanto um índio a cavalo
 que recém vai dando o fora
 afina o som das esporas
 no canto claro dos galos ...

São Borja, 17.3.1966

Figura 5- Notícias Publicada em Revista Cultura sobre o Estádio "Vicentão".

Futebol

A HISTÓRIA DO BUGRE TEIMOSO

Quando pensam que o fim chegou para o Bugre das Missões, Ele insiste em retornar em busca de suas glórias passadas.

Reportagem: Nelson Nicolli
Produção: Andressa Schneider
Fotos: arquivo pessoal Paulo Corrêa

Como nasceu o Bugre

No dia 14 de janeiro de 1977 foi criada a Sociedade Esportiva São Borja através da fusão dos clubes da cidade Sport Clube Cruzeiro e Sport Clube Internacional. O Internacional já disputava a primeira divisão desde 1975 e precisava aumentar seu estádio, e a colocação de refletores. Já o Cruzeiro, teve seu estádio, Vicente Goulart, inaugurado em 1976, com capacidade para 15.800 pessoas, o 6º maior do Estado. O Cruzeiro tinha uma equipe fraca na segunda divisão, conforme seu presidente na época, Edon Azambuja. A fusão teve forte resistência por parte dos torcedores, pois a rivalidade local era intensa de ambos.

Após superadas as resistências, a fusão permitiu que o São Borja estreasse no campeonato gaúcho da primeira divisão, unindo todos os esportistas da cidade. Seu primeiro presidente foi Ovídio Batista. A partir deste ano, 1977, o São Borja permaneceu por 11 anos ininterruptos na elite do futebol gaúcho, caindo, no ano de 1987 para a segunda divisão.

12



São Borja 0 x 0 Grêmio, 1981. Mais de 12 mil torcedores, foi o maior público registrado na história do Bugre.



Na década de 80 o clube atingiu o seu auge, com jogadores como o que formava o time de 1982: Em pé: Silmar, Adailton, Mano, Altair, Jairo, Antônio Carlos. Agachados: Milinho, Luis Alberto, Vandemir, Zé Maria e Jadil.

Onze anos na elite do futebol gaúcho

Foram estes anos na primeira divisão que o clube ficou conhecido e respeitado no Estado, especialmente, pelas boas campanhas no campeonato. O São Borja marcou presença por impor muitas dificuldades à dupla GRE-NAL, nos confrontos no Vicentão. O clube obteve grande adesão da comunidade são-borjense que naquela época vivenciava um contexto econômico muito favorável, principalmente pelo fortalecimento da agricultura. Os conselheiros, na sua maioria agricultores e empresários do comércio local, davam sustentação para formarem fortes equipes durante esta década.

No ano de 1981, a equipe fez uma grande campanha na Taça de Bronze, a série "C" do Campeonato Brasileiro. Nesta oportunidade foi o primeiro clube do interior do Rio Grande do Sul a jogar no Maracanã. O São Borja perdera na ocasião para o Olaria-RJ por 1 X 0, sendo este o campeão da competição. Este jogo foi marcado pela polêmica atuação do




Revista Imagem da Cultura n.º 3, julho 09.

Árbitro que teria marcado um penalt não existente nos instantes finais da partida. Esta derrota impossibilitou o Bugre de disputar a final do Campeonato Brasileiro Série "C".

O Ceileiro de Grandes Jogadores

Durante os onze anos que o São Borja disputou a primeira divisão, foi considerado o "ceileiro" de grandes jogadores por ter revelado vários atletas para os grandes clubes do país. O Clube contava com praticamente todas as categorias de base como infantil, juvenil e juniores. Na década de 80, a equipe normalmente detinha 80% dos jogadores formados em casa. Segundo o cronista esportivo, Paulo Corrêa, que acompanhou o "Bugre" desde seu início até o último ano de suas atividades, a maioria da base da equipe formada em casa baixava o custo da folha de pagamento, o que tornava o clube sustentável. "Os jogadores tinham amor à camiseta. Era característica sempre ser uma equipe guerreira", lembra Corrêa.

São Borja ficou conhecido no Estado como um time de muita garra, aliada à técnica. O ataque formado por Vadinho, Ilo e Canhotinho foi um terror para as equipes adversárias. Segundo Corrêa, "os times tremiam quando enxergavam a camisa do São Borja, pois já sabiam que iam enfrentar um ataque arrasador". Entre os jogadores revelados para os grandes clubes foram: Silmar, Mano (goleiro), Canhotinho, Ilo, Fernando, Belmonte, Polaco, Moisés, Brandão e outros. Vadinho, que tinha muito talento, estava sendo negociado como o Grêmio, mas acabou se lesionando e encerrando a carreira.

Na segunda divisão

Em 1987, o clube passou a ter dificuldades financeiras, consequência da crise da agricultura. Com a descapitalização dos agricultores, o São Borja perdeu consideravelmente colaboradores. Aliado a isso, houve erros administrativos que acabaram levando o clube pela primeira vez à 2ª divisão do campeonato gaúcho.

Na segundona, o clube já estava com pouco apoio e bem menos organizado, pois não contava mais com categorias de base. O time permaneceu uma década até o encerramento.

Nesse período, o clube teve o seu melhor momento em 1994. Comandado por Zé Alcino, artilheiro daquele ano na competição, que mais tarde sagrou-se campeão brasileiro com o Grêmio, o São Borja fez uma grande campanha. A Federação Gaúcha havia prometido para os clubes, que subiriam para a primeira divisão os 5 primeiros colocados. O São Borja terminou em 3º lugar. No jogo final contra o XV de Novembro de Campo Bom, com o Vicentão cheio, a equipe venceu por 2 x 0. Houve muita festa na cidade: passeatas e até entrada de joelhos na Igreja Matriz pela direção e torcedores, para depois a decepção. A Federação Gaúcha recuou e acabou autorizando somente a subida dos dois primeiros colocados.

Em 1997, o clube foi convidado a disputar a Série "B" na vaga de outro clube que desistira. Aquele ano, a primeira divisão foi dividida em A e B, pois contava com muitos clubes. Na Série "B", participava a metade dos clubes da primeira com pontuação inferior no ano anterior, junto com os que subiram da segundona. O clube sem sustentação e desorganizado disputou com equipes mais qualificadas, acabou na penúltima colocação e encerrando de vez suas atividades.

Melhores posições no campeonato gaúcho:

1980: 6º lugar (melhor campanha da história do clube)

1981: 7º lugar

1983: 8º lugar

Principais títulos em torneios estaduais com equipes do interior:

Seleção do Campeonato Brasileiro Série C: 1981

Torneio Incentivo: 1982

Copa ACEG (Associação dos Cronistas Esportivos Gaúchos): 1986

A Volta em 2009

Após 12 anos fora de competições oficiais da Federação Gaúcha de Futebol, a Sociedade Esportiva São Borja, agora com o nome de Associação Esportiva São Borja (AESB), volta a disputar uma competição oficial através do campeonato gaúcho de juvenis. A mudança do nome do clube, criado este ano, foi motivada por ações trabalhistas contra a antiga entidade, a SCSB, o que inviabilizava o seu retorno às atividades. Entretanto, a mudança foi apenas a troca de siglas. A identificação com o antigo clube continua a mesma: sua camiseta, distintivo, hino e seu apelido Bugre das Missões.

Segundo o presidente da AESB, Gilberto Alvarez, o clube vem recebendo grande apoio da comunidade em geral. O estádio Vicente Goular, que agora pertence ao município, foi cedido ao São Borja para que esse explorasse a venda de publicidade, locação de cadeiras para jogos e treinos.

A meta da direção para o ano que vem é a do clube subir de categoria e disputar também o certame de juniores. Para 2011, com a base montada, o São Borja pretende disputar a segunda divisão do campeonato gaúcho. O objetivo da direção e torcedores, que estão comparecendo em grande público nos jogos, é voltar ao auge dos velhos tempos.



Torcida do São Borja chegando na cidade de Caxias do Sul, em 1982.



O repórter Paulo Corrêa entrevistando o ponteiro João Carlos, em 1978. São Borja 1 x 1 Grêmio.

Jogadores do São Borja descendo do avião em Cuiabá (MT), na disputa da taça de bronze em 1981.